

OUTRO PARADIGMA, OUTRA PRÁTICA CIENTÍFICA, OUTROS INSTRUMENTOS: O MAPA DE PESQUISA

Mónica de la Fare¹

INTRODUÇÃO

Este texto é um “desprendimento” de minha tese de doutorado, produtora e produto, da perspectiva epistemológica que desenvolvemos no Multiforme – Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Profissional, a qual problematiza a prática de produção de conhecimento no Serviço Social. Apresento, aqui, elementos desse processo de problematização, e como parte deles, resultados iniciais, tentando contribuir, com a formulação de interrogantes inovadores ao desenvolvimento científico dessa área.

A prática de produção de conhecimento no Serviço Social

A perspectiva epistemológica que nutre esta pesquisa levou-me a problematizar a prática de produção de conhecimento no Serviço Social, a partir dos dados provenientes do próprio percurso, como praticante pesquisadora², inserida num programa de Pós-Graduação dessa área. Essa perspectiva articula elementos do “tripé” teórico³: epistemologia da complexidade⁴ – abordagem multirreferencial² – noção de transição paradigmática³.

O primeiro termo, denomina uma epistemologia que propõe uma “re-formulação” paradigmática na construção de conhecimento, cuja inteligibilidade orienta uma “reforma do entendimento” (Morin, 1977, p.138). A mesma questiona a denominada ciência clássica,

¹ Doutoranda em Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Faculdade de Serviço Social, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, MULTIFORME-Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Profissional, bolsista CAPES. Orientadora da tese e do processo de formação: Prof. Dra. Luiza Helena Dalpiaz. E-mail: mdelafare@hotmail.com

² A problematização de práticas sociais a partir do próprio percurso dos praticantes é desenvolvida no Multiforme, através do método de pesquisa-formação, em construção, apresentado em DALPIAZ; DE LA FARE (2000b).

³ A articulação do tripé teórico, aqui mencionado, desenvolve-se com maior profundidade, na própria tese.

⁴ Diversos autores desenvolvem esta epistemologia em várias áreas do conhecimento; focaliza-se aqui no trabalho de Edgar Morin, particularmente na sua obra *O Método*.

² A abordagem multirreferencial é trabalhada por vários autores, focaliza-se aqui na produção de Jacques Ardoino, autor da noção.

³ Esta noção é de autoria de Luiza Dalpiaz, a mesma é apresentada em DALPIAZ; DE LA FARE (2000a; 2000b).

inspirada no método cartesiano, distanciando-se do “princípio que liga a ciência à simplificação lógica” (Morin, 1977, p.26). Nesse sentido, “a complexidade impõe-se, como impossibilidade de simplificar”, “emerge como obscurecimento, desordem, incerteza e antinomia” (Morin, 1977, p.344).

O segundo termo denomina uma perspectiva epistemológica, que prioriza as práticas sociais como objeto de estudo, propondo uma “leitura plural” delas, “sob diferentes pontos de vista, que implicam, tanto visões específicas, quanto linguagens apropriadas”, “em função de sistemas de referência distintos, considerados heterogêneos” (Ardoino, 1998a, p.24). A multirreferencialidade “assume”, na sua teorização sobre esses objetos, a “hipótese da complexidade” (Ardoino, 1998a, p.24), e é caracterizada como um “apelo deliberado à compreensão dessa suposta complexidade emprestada ao objeto”, “através da pluralidade de olhares e linguagens, reconhecidos como necessários” (Ardoino, 1993a, p. 41).

O terceiro termo denomina uma noção, que define a tensão paradigmática, produto e produtora⁴, do processo de produção de conhecimento desenvolvido no Multiforme, cujo caráter operativo possibilita a materialização metodológica, da articulação complexidade-multirreferencialidade. A transição paradigmática faz referência ao movimento, em espiral, processador dos elementos do paradigma clássico, ancorados na própria formação do pesquisador, incorporados à sua experiência familiar, social e estudantil, para possibilitar uma passagem, na construção de conhecimento, ao paradigma da complexidade, através da problematização da própria prática de pesquisa e de formação (Dalpiaz; De La Fare, 2000).

Esculpida por essa construção teórica, a prática de produção de conhecimento, no Serviço Social, é interrogada pela articulação entre a categoria teórica “instituição” pesquisada por René Lourau (1991), desde diferentes sistemas teóricos, e as categorias “modelo” e “formas de cientificidade” apresentadas na definição de “epistemologia” de Jean Ladrière.

“Instituição” é definido como um conceito “polissêmico, equívoco e problemático”. Polissêmico, por ser confundido desde os diferentes momentos da sua definição: universal, particular e singular, descoberta que René Lourau faz a partir de uma releitura da dialética hegeliana. Equívoco, porque designa alternativamente o instituído e o instituinte, conduzindo-nos

⁴ Esta formulação remete à “causalidade generativa” da epistemologia da complexidade, onde as idéias de “anel retroativo” e de “anel recursivo” (Morin, 1977, p. 238), posteriormente associadas ao princípio de auto-eco-organização (Morin, 1980) afetam a idéia clássica de causalidade.

este autor a pensar a instituição como pertencente a ambos simultaneamente; e problemático, porque a instituição é um “presente-ausente” (Lourau, 1991).⁵

A epistemologia é identificada por Jean Ladrière como a reflexão sobre a prática científica, colocadora de dois problemas: “determinar o que faz a cientificidade de um discurso e, correlativamente, saber se há um modelo único, ou, ao contrário, múltiplas formas de cientificidade.” (Ladrière *apud* Dejours, 1997, p. 64).⁶

Por outra parte, na definição do dicionário, “modelo” faz referência a uma “forma típica para reproduzir ou imitar”, enquanto “forma” remete a “um modo sob o qual uma coisa existe ou se manifesta”⁷.

O trabalho com o conceito de instituição do autor citado, permite pensar a dinâmica institucional, dando espaço à teorização da possibilidade de mudança na prática institucional, através da consideração de práticas instituídas e práticas instituintes, ambas pertencentes à instituição, onde o “instituído”, faz referência à ordem estabelecida, a valores, modos de representação e de organização considerados “normais”, formas de proceder habituais, econômicas, políticas e sociais; enquanto o “instituinte”, refere-se à idéia de contestação, à capacidade de inovação e, em geral, à prática política como significado da prática social (Authier;Hess, 1981,p.39-40).

O conceito “instituição” (Lourau, 1991), desde as possibilidades da sua polissemia está interrogando, aqui, a prática científica na “instituição ciência” e na “formação social universidade”.

Dessa problematização surgiu a possibilidade de teorizar a prática científica desta área, identificando um “modelo científico” conjugado com uma “prática instituída”, que reproduz esse instituído na trama institucional, e que, nas suas características, pode ser associado ao denominado paradigma clássico; e em coexistência, numa heterogeneidade tencionada e tencionante, uma “forma de cientificidade” instituinte⁸, em processo de institucionalização, no Multiforme⁹.

⁵ A abordagem multirreferencial, em sua proposta de diversas leituras, considera dentro das cinco perspectivas desenvolvidas no modelo de inteligibilidade de práticas sociais (ARDOINO, 1980), a perspectiva institucional. A relação entre a corrente da análise institucional e a abordagem multirreferencial é desenvolvida por Ardoino (1993b).

⁶ O autor também identifica na ciência moderna, procedimentos de ordem criativa e outros de ordem repetitiva (LADRIÈRE, 1978).

⁷ Dicionário Online. Disponível em Internet, <http://www.priberam.pt/dlpo>, 29/03/2001.

⁸ No momento atual desta pesquisa, encontro-me interrogando através desta conceptualização, a produção científica do Serviço Social.

⁹ O processo de institucionalização do Multiforme é apresentado em DALPIAZ; DE LA FARE (2000a).

Esta pesquisa dá visibilidade às características desse “modelo científico instituído”, e assinala a possibilidade de sua “descoberta” na detecção do caráter instrumental, invisibilizado, de certas ferramentas, convertidas em modos habituais de procedimento. A “invisibilidade” é uma das características do paradigma científico, na definição elaborada por Edgar Morin (1998, p. 273). Também evidencia a necessidade de construção de outros instrumentos, e de procedimentos pertinentes que viabilizem, para quem escolhe outro caminho científico, a mudança paradigmática proposta pela epistemologia da complexidade, e reivindicada pela abordagem multirreferencial (Ardoino, 1998a, p.33).

Nesta problematização, o primeiro instrumento interrogado é o “projeto de pesquisa”, reconhecido como um instrumento de planejamento das pesquisas, situado na gênese das produções desta área. O princípio hologramático da complexidade, “o todo está de certa maneira incluído (gravado) na parte que está incluída no todo” (Morin, 1999, p.126) permite interrogar, através do estudo do instrumento projeto, desde a prática científica do Serviço Social, outras áreas onde o mesmo também é utilizado.

O projeto de pesquisa constitui a primeira apresentação da escrita do pesquisador em formação no mundo acadêmico da Pós-Graduação¹⁰; é o “texto de ingresso”, indiscutido na sua forma, invisibilizado em seu caráter instrumental, que rege, o planejamento das pesquisas, marcando, nos inícios delas, uma modalidade de estruturação do pensamento.

O estudo desse instrumento, a partir das características do paradigma clássico¹¹, permitiu identificar o pressuposto da “ordem”, definida como “palavra-chave da ciência clássica” (Morin, 1977, p.37), nos inícios de uma pesquisa, sem ofertar espaço para registrar o “turbilhão inicial” de idéias do pesquisador¹², forçando-as a um ordenamento que estabelece uma divisão inicial dos conteúdos (referencial teórico, problema, justificativa, objetivos, hipóteses, variáveis, metodologia), produto e produtora de uma disjunção em diferentes níveis, particularmente, entre campo empírico e campo teórico, reduzindo o primeiro a dois momentos da pesquisa (coleta e análise de dados). Essa disjunção é aprofundada pela elaboração de um conjunto de *a priori*, particularmente na formulação do problema de pesquisa, aumentando o desencontro entre as categorias teóricas e os dados empíricos. Tampouco apresenta espaços para o trabalho com os

¹⁰ O projeto de pesquisa aparece como documento de inscrição no *folder* do programa de Pós-Graduação em Serviço Social onde esta pesquisa se desenvolve.

¹¹ O estudo detalhado das características que aqui só são mencionadas, se desenvolve na minha tese, com base na proposta de projeto de pesquisa apresentada em: KÖCHE (1997).

elementos que dão visibilidade à relação prática pesquisada–sujeito pesquisador; nem para a elaboração de interrogantes referentes ao problema de como construir conhecimento, com o qual todo pesquisador convive.

Apresentação do mapa de pesquisa

Este outro instrumento¹³ pressupõe uma gênese diferente da considerada pelo projeto de pesquisa. A mesma remete à noção de “caos”, como idéia genésica, “anterior à distinção, à separação” (Morin, 1977, p.59). Do “caos surge a ordem e a organização”, em “co-presença complementar/antagônica da desordem” (Morin, 1977, p.60). Esse “caos”, ponto de partida nas pesquisas, pode ser trabalhado nelas, a partir do conceito de anel tetralógico “ordem–desordem–interações–organização” (Morin, 1977, p.58), como construção resgatadora da potencialidade dessa gênese. “Desde” e “com” essa conceitualização como suporte, o mapa de pesquisa é um instrumento que tenta gerar espaços onde desenvolver as articulações possíveis geradas pelo anel conceitual, propondo a partir dali, uma organização, mais que um ordenamento, dos conteúdos de uma pesquisa¹⁴.

A denominação de mapa, leva a pensar este instrumento desde uma especialidade organizadora¹⁵, que permita articular os elementos de uma pesquisa. O termo elemento, “é relativo ao todo do que faz referência”, e “não remete à idéia de unidades simples” do paradigma clássico (Morin, 1977, p. 20).

Esses elementos são interatuantes e não têm hierarquias entre eles; podem adquirir diferentes níveis de relevância, segundo o momento da pesquisa, apresentando-se como elementos e subelementos. Os princípios da complexidade se encontram na base da elaboração do mapa, cada elemento contém os outros e a si mesmo; e simultaneamente é produtor e produto dos outros, permitindo formular diferentes desdobramentos, particularmente nos inícios da pesquisa. A partir dali, pelo trabalho desenvolvido neles, é possível registrar o movimento de uma

¹² A consideração desta gênese no processo de pesquisa advém da conceitualização do processo genésico desenvolvida pela epistemologia da complexidade (MORIN, 1977).

¹³ Neste ítem apresenta-se uma síntese desse instrumento, desenvolvido, com maior profundidade na minha tese.

¹⁴ Esta conceitualização advém do trabalho com o “texto livre”, procedimento de pesquisa desenvolvido pela Prof. Dra. Luiza Helena Dalpiaz, no Multiforme; identificável na gênese do mapa de pesquisa.

¹⁵ A idéia geradora do trabalho com a especialidade na criação deste instrumento, surgiu a partir de duas fontes: o trabalho com o pensamento-imagem de Pierre Lévy, na disciplina Novas Tecnologias e Pesquisa, ministrada pela Prof. Dra. Julieta Beatriz Ramos Desaulniers (1999/2) e da navegação por <http://www.colciencias.gov.co/index.html> (disponível em Internet, 29/7/2001)

construção articuladora, que baliza¹⁶, em vez de “recortar”, o “território” dessa prática pesquisada numa progressiva delimitação, nos sucessivos e simultâneos movimentos de aproximação e distanciamento, produzidos pelo sujeito pesquisador, também sujeito da sua pesquisa.

Esses elementos são: elemento epistemológico, elemento temático, elemento problemático, elemento metodológico, elemento implicação e elemento teleológico.

O elemento epistemológico é o espaço onde trabalhar o problema da produção de conhecimento científico, articulando os conceitos epistemológicos que permitam orientar a construção de uma resposta provisória e circunstancial a esse interrogante, disponibilizando um lugar de registro e construção para a convivência com as ambigüidades, as incertezas, os paradoxos e as contradições. Nele tem também lugar o trabalho com os dados da própria prática de produção de conhecimento científico, constituindo-se a mesma num campo empírico-epistemológico, assim denominado para distingui-lo do campo empírico-temático, definido pela escolha do tema de pesquisa.

No elemento temático, é possível produzir uma abertura do tema escolhido na pesquisa, para dar espaço a diversas abordagens desenvolvidas por produções prévias e também aos “buracos pretos”, facilitando o trabalho no “contexto de descoberta” das pesquisas, e abrindo o registro dos sinais que, como dados, podem ofertar diferentes caminhos para problematizações inovadoras.

O elemento problemático é o espaço para elaborar a articulação entre as categorias teórico-epistemológicas e teórico-temáticas, conjuntamente com os dados provenientes do campo empírico temático e epistemológico. Aqui, o instrumento-mapa contempla a possibilidade de dar forma à construção do problema de pesquisa, como elaboração produzida pela interação entre as categorias teóricas e os diferentes tipos de dados.

O elemento metodológico, oferta um espaço que tenta operativizar a articulação método-metodologias sustentada pela epistemologia da complexidade, onde o método é considerado produtor e também produto do conhecimento científico construído na pesquisa; o trabalho neste elemento permite elaborar a construção metodológica que vai sendo desenvolvida em toda a pesquisa, com a inclusão de seu produto nos resultados. O objetivo do método é “ajudar a pensar por si mesmo, para responder ao desafio da complexidade dos problemas” (Morin, 1999, p.39).

¹⁶ Noção desenvolvida pela abordagem multirreferencial (ARDOINO, BARBIER, 1993), trabalhada no Grupo de Estudos Avançados do Multiforme (2001/1).

As metodologias, “segmentos programados” das pesquisas, “comportaram, necessariamente, descoberta e inovação” (Morin, 1999, p. 39).

O elemento implicação, abre o espaço para o trabalho na relação sujeito pesquisador-prática pesquisada, é fundamental na perspectiva epistemológica proposta pelo tripé teórico, já apresentado. Aqui o pesquisador, denominado “observador/ conceptor” na epistemologia da complexidade, pode trabalhar na interação entre as categorias teóricas que, interrogando-o, coloca-o no lugar de sujeito da sua própria pesquisa.

O elemento teleológico¹⁷ espacializa o trabalho com metas, fins e objetivos que vão sendo definidos em todo o processo de pesquisa.

O mapa de pesquisa facilita a construção de interações entre os elementos, através de um conjunto de procedimentos, daquilo que na pesquisa tradicional aparece dissociado, possibilita o trabalho simultâneo nos níveis teórico e metateórico, interrogando a relação entre epistemologia, metodologia e procedimentos na produção científica. Trata-se de gerar um movimento inicial de abertura, através do aprofundamento dos elementos da pesquisa, trabalhados numa distinção articulante, que posteriormente desaparece, dando lugar à emergência articulada dos conteúdos do texto final.

Considerações finais

O estudo do projeto de pesquisa apresentado não propõe sua eliminação, apenas sua relativização, resgatando o sentido instrumental do mesmo, dando visibilidade ao paradigma científico que está por trás dele e aos limites que o mesmo apresenta para a produção de conhecimento no paradigma da complexidade.

O mapa de pesquisa nasceu como um instrumento de planejamento de pesquisas; posteriores avanços converteram-no também em um instrumento de elaboração das mesmas, na perspectiva epistemológica referenciada, cuja pertinência para o Serviço Social está na possibilidade ofertada por ela, para pesquisar práticas sociais. O Serviço Social é considerado seu espaço atual de desenvolvimento, com possibilidades de projeção para pesquisas em outras áreas, também familiarizadas com práticas sociais.

REFERÊNCIAS

ARDOINO, Jacques. *Perspectiva política de la educación*. Traducción: A. Casais. Madrid, Narcea, 1980.

_____. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: GONÇALVES BARBOSA, Joaquim (Coord.). *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. Tradução: S. Barbosa. São Carlos, Edufscar, 1998a.

_____. Nota a propósito das relações entre abordagem multirreferencial e a análise institucional. In: GONÇALVES BARBOSA, Joaquim (Coord.). *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. Tradução: S. Barbosa. São Carlos, Edufscar, 1998b.

ARDOINO, Jacques; BARBIER, René. Présentation du numéro. *Pratiques de Formation - Analyses*, Saint-Denis, n.25-26, avr.1993.

AUTHIER, Michel; HESS, Remi. *L'analyse institutionnelle*. Paris, PUF, 1981. (Que sais-je?, 1968).

DALPIAZ, Luiza Helena; FARE, Mónica de la. MULTIFORME. Filiation... traduction... trahison... autorisation. Des éléments d'un projet "en acte" et d'une pratique singulière d'institutionnalisation d'un groupe de recherche au Brésil. In: IX COLLOQUE INTERNATIONAL DE L'AFIRSE, 2000a, Rennes/France. *Actes*, p. 135-141.

_____. A pesquisa como problema: elementos de um método de pesquisa-formação no Serviço Social. In: VII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL. 2000b. Brasília, ABEPSS. *Anais*, vol I, p. 240-246.

DEJOURS, Christophe. *O fator humano*. Tradução: M. Betiol; M. Tonelli, Rio de Janeiro, Fundação, Getulio Vargas, 1997.

HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la Acción Comunicativa ;racionalidad de la acción y racionalización social*. Tomo 1. Traducción: M. Jiménez Redondo, 4ª ed. Madrid, Taurus, 1987.

KÖCHE, José Carlos. *Fundamentos de Metodologia científica; Teoria da ciência e prática da pesquisa*. 14 ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

LADRIÈRE, Jean. *Filosofia e praxis científica*. Tradução: M.J. Almeida. Rio de Janeiro, F. Alves, 1978.

LOURAU, René. *El análisis institucional*. Traducción: N. Fiorito de Labrune. 2a. reimp. Bs. As., Amorrortu, 1991.

¹⁷ A denominação deste elemento advém do conceito de "ação teleológica" desenvolvido por Jürgen Habermas (1987) na Teoria do Agir Comunicativo.

MORIN, Edgar. *O Método I; a natureza da natureza*. 2ª ed. Tradução: M. G. de Bragança. Portugal, Europa – América, 1977.

_____. *O Método II; a vida da vida*. 2ª ed. Tradução: M. G. de Bragança. Portugal, Europa – América, 1980.

_____. *O Método III; o conhecimento do conhecimento*. Tradução: J. Machado da Silva. Porto Alegre, Sulina, 1999. MORIN, E.

_____. *O Método IV; as idéias*. Tradução: J. Machado da Silva. Porto Alegre, Sulina, 1998.